

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES MASCULINAS EM “O BEIJO NO ASFALTO”, DE NELSON RODRIGUES

Karla Priscila Martins LIMA¹

karla2009@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver
(Gilberto Gil – Super Homem – A canção)

Resumo: Este trabalho propõe a leitura de alguns excertos da peça “O Beijo no Asfalto”, de Nelson Rodrigues a partir do conceito socioconstrucionista do discurso de identidade (MOITA LOPES, 2003), que se caracteriza pela busca de compreender a organização e a (re)significação presentes no meio social. Tal abordagem na construção das identidades masculinas hegemônica e subalterna e, inclusive, na confluência de ambos, tendo em vista que há um personagem o qual se constrói discursivamente em ambas representações masculinas. Além desse foco socioconstrucionista, o referido trabalho será relacionado com algumas proposições teóricas, como a fragmentação da representação do homem (NOLASCO, 1995) e a predominância – ainda – do conceito de supermacho (BADINTER, 1993), para reforçar a evidente fragilidade discursiva do homem no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Socioconstrucionismo. Masculinidade. Discurso. Sociedade

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa da UFRN

1.INTRODUÇÃO

Em nosso atual contexto, a condição masculina ganhou um redirecionamento devido a vários fatores, como os movimentos feminista e gay, sendo que este preza em demonstrar aos homens e, sobretudo, a sociedade, os vários modos de se constituir diversas identidades masculinas. Entretanto, muitos posicionamentos discursivos existentes na sociedade ocidentalista, tais como o machista, procuram enxertar essa nova perspectiva a qual procura impor ao meio social uma visão hegemônica, ou seja, o padrão imposto pelo mencionado sistema é o que deve vigorar nos seus instituídos, principalmente a construção discursiva do que estaria relacionado ao que seria masculino.

Dessa forma, esse trabalho aborda a questão da construção das identidades masculinas a partir da concepção de masculinidade hegemônica – a qual estaria atrelada à noção de homem viril, dominador e possessivo; e a subalterna, que por apresentar várias facetas como o ato de cuidar de filhos, sendo essa uma tarefa predominantemente atribuída à mulher, será aqui representada pela homossexualidade que se encontra à margem dessas noções. Destarte, para compreender a construção dessas, é necessário recorrer ao conceito de discurso socioconstrucionista de identidades, a qual tem como princípio básico que “[...] os objetos dos discursos sociais não são dados ‘no mundo’, mas são constituídos, negociados, reformados (SABIN & KITUSE apud MOITA LOPES, 2003, p.23), já que a formação de identidades modifica-se, insere aspectos que são concernentes ao discurso dominante em meio às práticas discursivas consideradas transgressoras verificando, dessarte, a fragmentação desse tendo conceitos antagônicos e entrecruzados. No caso deste trabalho, esses serão perceptíveis tanto na leitura dos personagens como as ações dos personagens como da linguagem utilizada por cada um deles.

Assim, o objetivo deste trabalho consiste em buscar fazer uma leitura da obra “O Beijo no Asfalto” com o intuito de investigar como a masculinidade é passível de representações várias, tendo em vista que perpassou a redimensionamentos identitárias devido a fatores como desprezo a figura do machão, e a (re) descoberta da possibilidade de viver outras masculinidades, pois de acordo com Sócrates Nolasco (1993), o homem, ao vivenciar momentos como a expressão da subjetividade, propicia a fragmentação da representação do homem inabalável e a constituição de um novo ser masculino. Aliado a essas constituições discursivas, mostrar que o instituído social, por ser tão competitiva, procura impor uma noção única de ser homem para fortalecer nele a agressividade, a racionalidade, com vista a atender essa rivalidade e a homofobia. Quanto a esta, Badinter (1993), coloca que é expressa pelo ser masculino tendo em vista que tem a necessidade

“[...] de um mecanismo de defesa psíquica, uma estratégia para evitar o reconhecimento de uma parte inaceitável de si. (BADINTER, 1993, p. 119)”.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para executar esse trabalho, de caráter embrionário vale lembrar, foi a leitura e análise dos excertos que buscassem elucidar uma interpretação da maneira como tais discursos são constituídos por Rodrigues, no tocante à linguagem e a busca compreender a construção das masculinidades, focando-os nos teóricos supracitados

3.CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA

A obra “O Beijo no Asfalto”, do dramaturgo carioca Nelson Rodrigues, foi inspirada na história de um repórter do jornal “O Globo”, Pereira Rego o qual foi atropelado por um ônibus na Praça da Bandeira. No chão, o velho jornalista percebeu que estava perto de morrer e pediu um beijo a uma jovem que tentava socorrê-lo. Na peça propriamente dita, o autor faz algumas modificações que se configura no momento do beijo: o atropelado não é nomeado e quem o beija é Arandir, figura jovem de coração bom. No mesmo espaço, encontra-se Amado Ribeiro, repórter do jornal sensacionalista “Última Hora”, presencia a cena do ultimo desejo com o delegado Cunha, transforma esse desejo do moribundo em reportagem principal. Ao publicar isso no jornal, a história é totalmente diferente: relata Arandir como um criminoso que empurrou o amante numa rua movimentada e depois o beijou. Assim, o primeiro o primeiro ganha descrédito de todo, inclusive de sua esposa Selminha.

Já conhecida a peça de forma geral, partir-se-á a análise, que contem 6 (seis) excertos coletados da obra, sendo que esses representam a fala dos principais da obra (Delegado Cunha, Arandir, Aprígio, Amado Ribeiro) e dos secundário (Werneck, Sodré e Pimentel) situados em diferentes lugares.

4. LEITURA DOS EXCERTOS

EXCERTO 1.

A fala a seguir Resposta de Aprígio à sua filha Selminha, quando esse está na casa dela.

“APRÍGIO (*incerto*) – Sei. Acredito... Mas digamos que seu marido. Uma hipótese. Que seu marido não fosse sim, exatamente, como você pensa. Você gosta de seu marido a ponto de aceitá-lo mesmo que. (mais incisivo) Numa palavra: - você é feliz”.(p. 22).

Nesse dizer de Aprígio, verifica-se que no enunciado de caráter hipotético “Que seu marido não fosse sim, exatamente, como você pensa” há a predominância do discurso da masculinidade padrão pelo fato de Arandir (seu genro) ter vivenciado, para o sogro, outras formas de masculinidades uma vez que este demonstrou um sentimento de compaixão no momento do atropelamento. Quanto a isso, Nolasco (1993) mostra que o expor sentimentos é uma maneira de fragmentar a masculinidade hegemônica (p.20). Além disso, também se percebe nesse fragmento que Aprígio mostra uma postura homofóbica por transgredir, quiçá, seu papel sexual dado socialmente. Nesse aspecto, alia-se ao Primeiro Imperativo caracterizador do supermacho² :“no Sissy stuff - ‘nada de fricotes’ – o homem não deve expor a subjetividade” (BADINTER, 1993, p. 134).

EXCERTO 2

Esta fala decorre no momento que Cunha interroga Arandir na delegacia acerca do atropelamento.

“CUNHA (*caricioso e ignóbil*) – Escuta. O que significa uma mulher para ti. Sim, o que significa para ‘você’ uma mulher!?”

ARANDIR (*lento e olhando em torno*)- Mas eu estou preso?

CUNHA (*sem ouvi-lo e sempre melífluo*) – Rapaz, escuta! Uma hipótese. Se aparecesse agora, aqui, agora, uma mulher, uma ‘boa’. Nua. Completamente nua. Qual seria. É uma curiosidade. Seria tua reação?”(p. 26)”.

Vê-se que na fala de cunha, mais especificamente no período composto “Se aparecesse agora, aqui, agora, uma mulher, uma ‘boa’. Nua. Completamente nua” insere a figura feminina para que Arandir esteja enquadrado na masculinidade hegemônica. Dessa forma, enquadra-se ao Terceiro Imperativo postulado por Badinter (1993), que diz: “A

² O conceito de “supermacho” postulado por E. Badinter, consiste em quatro imperativos (que serão demonstrados no decorrer da leitura dos excertos) a partir da enunciação de dois universitários americanos expondo a maneira “ideal” de ser homem.

necessidade de ser independente e só contar consigo mesmo” [The sturdy oak – o carvalho sólido]” (p.134) porquanto para ser macho na sociedade ocidental, ele deve confiar apenas em si próprio para conseguir, neste caso, conquistar e possuir o sexo oposto”.

EXCETO 3

As falas subseqüentes ocorrem numa repartição da firma onde Arandir trabalha

WERNECK (*com um humor bestial*) – Mas então, seu Arandir! O senhor!

SODRÉ – Você não diz nada pra gente?

ARANDIR (*já inquieto*) – O que é que há?

WERNECK - Você fica viúvo e não avisa, não participa?

ARANDIR- Isola!

PIMENTEL (*batendo-lhe nas costas*) – Nem me convidou!

ARANDIR (*atônito e meio acuado*) – Que piada é essa?

WERNECK- Piada, uma ova! Batata!

SODRÉ- Viúvo, rapaz!(*Werneck com as duas mãos apanha e aperta as de Arandir*)

WERNECK- Meus pára-choques!

ARANDIR- Mas qual é a graça? E isso não é brincadeira (*olhando as caras que o cercam*) Não faz assim que eu não gosto! Werneck, pára sim?Essas brincadeirinhas comigo! (*Werneck rompe com uma boçalidade feroz jocunda*).

WERNECK- Rapaz! A tua viuvez está aqui! Em manchete! (*Werneck sacode o jornal*).Em manchete, rapaz!”(p. 36)”.

Na cena acima descrita, percebe-se que os companheiros de trabalho de Arandir (Werneck, Sodré e Pimentel) vê-o como um ser masculino efeminado ao enunciar frases como “Você fica viúvo e não avisa”. Nessa perspectiva, Nolasco (1995), os homens tendem a dicotomizar a representação masculina: homem é tal quando expõe virilidade e agressividade / homossexual é aquele que tem características femininas. Além desse pressuposto teórico, também se alia ao Primeiro Imperativo, cujas peculiaridades já foram supracitadas na leitura do excerto primeiro.

Além disso, nota-se que Arandir reage às insinuações para criar a tais colegas a imagem prototípica do homem viril, manifestas as colocações “O que é que há?”; “Que piada é essa?”; “E isso não é brincadeira [...] Não faz assim que eu não gosto!”. A essa atitude tomada pelo protagonista mostra que “a ação, o fazer, o realizar e o desempenho colocam os homens continuamente diante da questão do uso e da legitimidade de seus

comportamentos (NOLASCO, 1993, p. 25). Acresce-se que tal postura concatena-se aos seguintes imperativos do “supermacho”:

“Terceiro Imperativo [The sturdy oak – o carvalho sólido]A necessidade de ser independente e só contar consigo mesmo” e o “Quarto Imperativo [Give’em Hell – mandem todos para o inferno] – o homem deve exibir uma postura de agressividade” (Badinter, 1993,p.134).

EXERTO 4

O seguinte excerto está inserido na cena do velório do atropelado, em que Amado Ribeiro dialoga com a sua esposa.

AMADO – Cala a boca! Cala a boca! (*muda de tom*) Escuta. Você tem um amante com toda razão. Conheço sua vida de fio a pavio. A senhora arranjou, cala a boca. Arranjou um cara quando percebeu, entende? Ao perceber que seu marido mantinha relações anormais com outro homem, a senhora. Não é fato?

Percebe-se que é possível ratificar que a identidade do macho hegemônico é reforçada a partir da noção ao expressar a homofobia para validar seu papel para “ [...] ganhar a aprovação dos outros e assim aumentar a confiança em si próprio” (BADINTER, 1993, p.120), que é reforçada a partir do enunciado “ao perceber que seu marido tem mantinha relações anormais com outros homens”, Amado Ribeiro expõe nessa colocação a impossibilidade de o homem viver outras formas de sê-lo ratificando que “ a heterossexualidade – talvez seja uma das raízes da homossexualidade. (BADINTER, 1993, p.121).

EXCERTO 5

O diálogo entre Aprígio e Arandir ocorre num quarto de hotel barato, em que aquele confessa os seus sentimentos de forma raivosa:

“APRÍGIO (*fora de si*) – Cala a boca! (*muda de tom*) Eu perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvindo.

Você tentando seduzir minha filha menor! [Dália, a irmã mais nova de Selminha]

ARANDIR- Nunca!

APRÍGIO – Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o banho da cunhada, Você quis ver a cunhada nua.

ARANDIR – Nunca! [decorre-se outras falas que não serão relevantes para a análise]

ARANDIR (*atônito e quase sem voz*) – O senhor me odeia porque, Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.

APRÍGIO (*num berro*) – De você!(*estrangulando a voz*) Não de minha filha.

Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o namoro, que não digo o teu nome.

Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Porque beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver. (Aprígio atira, a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, que estava aberta na cama. Torcendo-se, abre o jornal, como uma espécie de escudo de bandeira. Aprígio atira, novamente, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba, enrolando-se no jornal. Assim morre).

APRÍGIO – Arandir! (*mais forte*) Arandir (*um último canto*) Arandir!

Dentre todas essas falas, percebe-se que na oração “O meu ódio é amor”, Aprígio manifesta a sua outra forma de masculinidade (homossexual) quebrando assim com os arquétipos em cima da figura do homem. Mesmo que ele demonstre outra manifestação de ser homem, percebe-se que ainda possui na sua formação discursiva aspectos da masculinidade hegemônica³ por tomá-la como um modelo para a manifestação de sua outra forma de ser homem, porquanto o sogro de Arandir não aceita o fato de esse ter convivido com uma mulher, no caso a sua filha Selminha, sendo isso notado na maneira pela qual ele se dirige ao genro: de forma distante e ter perante o esposo dela um comportamento que poderia enquadrá-lo como orgulhoso, uma vez que não estabelece nenhuma relação de cordialidade, como o fato de não citar o nome de Arandir, sendo essa atitude correlacionada às seguintes máximas:

“Imperativo Um (no Sissy stuff – nada de fricotes): o homem nunca deve expor sua subjetividade, mesmo que tenha carências afetivas e ao “Imperativo Dois(the big whell – um personagem diferente): o homem deve mostrar-se superior” (BADINTER,1993, p. 134).

Arelado a essa explanação, Nolasco (1993) ratifica que a adesão dessa masculinidade marginalizada não consiste apenas na adesão de características afeminadas,

³ A masculinidade Hegemônica consiste na exaltação da imagem do homem como ser competitivo e desprovido de toda e qualquer subjetividade.

elucidando o quanto é difícil para o homem, especificamente o que vive neste contexto pós-moderno, de viver a masculinidade como queira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas leituras, possibilitou verificar que esses estudos das construções de identidades masculinas a partir d'O Beijo no Asfalto, a existência do homem escondido nas diversas formas de ser (e mostrar-se) homem, visto como o discurso do machão – presente nas falas do delegado Cunha, do jornalista Amado Ribeiro, Werneck, Sodré, Pimentel, Arandir e do próprio Aprígio, implicam na negação dessa outra possibilidade, significando sobretudo para eles, que a homossexualidade é a negação do que seja feminino, como a demonstração de afetividade, sendo verificado com o uso de uma linguagem permeada de associações e casos hipotéticos, manifestos nas orações subordinadas adverbiais presentes em todos os excerto, em que os personagens fazem ao outro quanto à possível prática homossexual de Arandir, mostrando, dessarte, que ter uma identidade masculina homossexual implica numa transgressão ao que o social impôs ao ser masculino: a negação de “ser feminino, de não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos,; não ter relações sexuais nem relações íntimas com outros homens, não ser impotente com as mulheres [...]”(BADINTER, 1993, p. 117), caracterizando assim a hipocrisia de uma sociedade pequeno burguesa a qual reflete os valores ocidentais.

6.REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **XY**. Sobre a identidade masculina. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MOITA LOPES, L.P. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na escola. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.(p.13 -28)

NOLASCO, S. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In _____. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RODRIGUES, N. **O beijo no asfalto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2007. Edição trilingüe: Tradução de Ângela Leite (francês) e Alex Ladd (inglês)